

Urbanização para favela

É o que pedem moradores da Península Norte no projeto entregue à Secretaria de Obras

A transformação dos pontos de atração em "áreas de descanso", a construção de um "shopping-center" na entrada da Península, a criação de pequenos comércios na pista central e a urbanização da Favela do Varjão; são alguns dos itens do projeto entregue ontem ao secretário de Viação e Obras, José Carlos Melo, por uma comissão de moradores da Península Norte. Ao receber a exposição de motivos e o projeto elaborado por arquitetos moradores no Lago Norte, o secretário de Viação e Obras disse que pretende "aproveitar ao máximo as aspirações da comunidade", com relação à urbanização da Península.

Após entregar a proposta a José Carlos Melo, a comissão de moradores discutiu o projeto com assessores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo-DAU, da SVO.

Os moradores do Lago Norte solicitam, além da centralização do comércio na entrada da Península e junto ao local onde será construída a ponte entre as QIs 8 e 10, a construção do Clube Social da Vizinhança no pontal da Península. Eles acrescentam que os locais destinados aos quatro clubes de Vizinhança pode-

riam ser resguardados para, "mais tarde, em função do crescimento da demanda, poderam ser utilizados para, a construção de unidades culturais, religiosas ou educacionais."

Com relação à ciclovia, os moradores dizem "entender que seu traçado atual preserva as margens do lago para uso comum". Propõem, entretanto, que a ciclovia seja desviada, somente ao ter início a cerca do Clube do Congresso". Salientando que "o que propomos é a centralização do comércio", eles solicitam a retirada do comércio local e dos postos de lavagem e lubrificação das áreas residenciais para a pista central. Propõem ainda a construção de igrejas, postos policiais, corpo de bombeiros, escola do 2º grau e centro cultural, no "shopping-center" localizado na entrada da Península Norte.

De acordo com Silvia Seabra, prefeita do Lago Norte, a comunidade solicita também a urbanização da favela do Varjão e a venda dos lotes a seus ocupantes, "para evitar a criação de um futuro problema social e facilitar a população da favela, o acesso ao trabalho, já que a maioria trabalha na Península".

Botafogo defende a participação

O debate entre os moradores da Península Norte e o Governo do Distrito Federal a respeito da construção de centros comerciais, escolas e áreas de lazer, é "um fato jamais visto em Brasília e o Governo não deve entender isso como uma crítica. Esta é a oportunidade única que o Governo tem para dialogar com a população". Esta opinião é de José Botafogo Gonçalves, ministro do Itamarati e chefe da Secretaria de Coordenação de Economia e Técnica Internacional do Ministério do Planejamento.

José Botafogo, um dos principais assessores do ministro Delfim Netto, vai morar na Península a partir do segundo semestre, mas já participa da prefeitura, a pedido dos moradores. Ele disse que Brasília sempre foi uma cidade em que as pessoas passam apenas alguns momentos, como os funcionários do Governo Federal, que vêm para trabalhar e, nos fins de semana, voltam para suas cidades de origem.

Essas pessoas "não têm consciência própria". Agora, pelo contrário, José Botafogo afirma que os moradores de algumas localidades já estão participando da vida comunitária. É o que está acontecendo na Península Norte, o primeiro setor de Brasília que "não tem um plano definido, como o Lago Sul". Neste caso, ele acrescenta que "os moradores querem participar da comunidade".

Segundo José Botafogo, as cidades-satélites possuem uma "vida social muito forte, porque as pessoas vivem e não estão de passagem. Elas se preocupam com as melhorias que devem ser feitas para elevar as condições de vida. Ao contrário, o Plano Piloto também vem se preocupando, mas isso através das miniprefeituras. Essas não podem fazer reformas, porque as quadras já estão definidas. As únicas melhorias são jardins e bancos, mas eles não podem mexer nas estruturas. A Península foi a única a ser ocupada. Ela não é hospedeira de residências funcionais. Lá não há mordomias".

Dizendo que este governo já fez mais pela Península Norte do que as outras administrações, principalmente nas áreas de saúde, educação e transportes, José Botafogo reconhece que a ocupação do setor deve ser feita em comum acordo entre os moradores e o GDF. Assim, quando os moradores reclamam que não é preciso a construção de muitas casas comerciais, Botafogo diz que eles têm razão, "porque quatro clubes de vizinhança não fazem sentido, porque todo mundo tem piscina em casa".

Como esta é a primeira vez que o governo dialoga com a população, para saber os seus an-

seios, José Botafogo disse que esta é a oportunidade única, defendendo a posição do GDF, principalmente do secretário de Viação e Obras, José Carlos Melo, que permitiu o diálogo, pondo projetos em discussão.

De acordo com José Botafogo, a construção dos centros comerciais, dentro das proposições da Secretaria de Viação e Obras, "afeta a privacidade dos moradores das proximidades. A edificação de clubes de vizinhança, de tempos e de igrejas também vai contribuir para a intranquilidade do setor. O governo não deve entender isso como uma crítica. A privacidade do local faz parte do projeto inicial de Lúcio Costa. Ele apoiaria a nossa iniciativa".

As áreas onde seriam edificadas as construções, segundo José Botafogo, poderiam ser vendidas pelo Governo "para poder fazer caixa". "Só queremos que o GDF compreenda que não estamos querendo fazer um condomínio fechado. Ao contrário, quem chegar à Península será sempre bem recebido. Eu acho que o paternalismo deve acabar".

Ele considera a Península Norte como a Zona Norte do Rio de Janeiro que foi esquecida pelo governo estadual, que libera mais verbas para a Zona Sul. "Nós somos moradores do último setor habitável de Brasília.

Quanto à construção das ciclovias, José Botafogo disse que é totalmente a favor. Mas só espera que a SVO dê um jeito e não deixe que as pessoas as utilizem para passear de automóvel, como vem acontecendo atualmente, onde "várias pessoas já estão usando as pistas". Ele cita, como exemplo, a ciclovia às margens do Rio Reno, na Alemanha, com uma extensão de 80 quilômetros. Os carros são impedidos de trafegar nas pistas, porque foram colocados vários obstáculos, com uma abertura que só permite a passagem de moto ou bicicleta.

Botafogo afirmou que a construção dos pontos de atração também não é muito prático. Em primeiro lugar, não são os moradores da Península que vão utilizá-los. Os mais beneficiados serão as pessoas provenientes das cidades-satélites. "Não estou querendo elitizar, como dizem. Mas o mais correto seria o Governo construir esses pontos de atração nas próprias cidades, para evitar que as pessoas gastem desnecessariamente com passagens".

José Botafogo mora atualmente na SQS 304. Ele conta que quando fala em mudar para a Península Norte, "os meus colegas falam que lá não tem status". Ele está construindo uma casa na QI 8, Conjunto 9, Lote 16.